

# ESPAÇO E SOCIEDADE NO COMEÇO DO SÉCULO: O QUE FRANÇOIS ASCHER TEM A DIZER?

Crítica Bibliográfica

ASCHER, François. *L'âge des métropoles*. Paris: Éditions de l'aube, 2009. 389 p.

**IGOR CATALÃO**

Doutorando em Geografia

Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente

Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse

igorcatalao@gmail.com

A era das metápoles é uma publicação póstuma de François Ascher (1946-2009) – ganhador do Grande Prêmio do Urbanismo 2009, outorgado pelo ministério encarregado do urbanismo na França<sup>1</sup> –, organizada e prefaciada por Alain Bourdin. Trata-se de um dos mais importantes pensadores franceses da atualidade, cujos livros não contam com traduções para a língua portuguesa<sup>2</sup>.

Malgrado o título, o livro abrange muito mais do que uma teoria sobre as metápoles no início do século, ainda que essa teoria compareça, pois contempla uma reflexão ampla sobre a sociedade hipermoderna, cujos indivíduos se organizam a partir de relações estabelecidas num espaço com “n” dimensões.

Ascher valoriza o debate acerca das transformações da sociedade contemporânea, notadamente a partir da Revolução Tecnológica, e situa a reflexão naquilo que ele chama de terceira modernidade ou hipermodernidade, em oposição às teorias da pós-modernidade de outros autores. Para Ascher, o prefixo “hiper” tanto acentua a ideia de que as características da modernidade (individualização, racionalização etc.) estão, no presente, reforçadas, quanto marca uma organização espacial contemporânea multidimensional, que permite

---

<sup>1</sup> *Ministère de l'écologie, de l'énergie, du développement durable et de la mer*.

<sup>2</sup> À exceção de *Métapolis ou l'avenir des villes* (1995) e *Demain la ville? Urbanisme et politique* (com Jean Girard, 1975), que têm edições portuguesas traduzidas respectivamente por Álvaro Domingues, em 1998, e Lucília Maria Almeida, em 1976.

relações simultâneas a partir de indivíduos que se constituem como elos entre meios sociais distintos.

Assim, o centro da análise em A era das metápoles é a sociedade hipermoderna, que Ascher compara metaforicamente à Internet, cujas diversas páginas são interligadas por “hiperlinks”, ou seja, os indivíduos sociais que, graças aos meios de comunicação e circulação avançados existentes, podem manter-se em contato independentemente de onde estiverem e do que estiverem fazendo.

Mas que papel desempenham as metápoles nessa sociedade hipermoderna? A resposta a essa questão é o que marca o pensamento espacial de Ascher: as metápoles estão no centro da organização do espaço mundial contemporâneo. É essa compreensão que permite entender que o espaço social possui uma materialidade e põe um fim nas dúvidas concernentes a uma possível aniquilação do espaço pelas tecnologias. Os indivíduos se ligam a contextos sociais<sup>3</sup> distintos (a família, o círculo de amigos, o trabalho etc.), às vezes simultaneamente, e esses contextos têm uma materialidade que lhes permite tanto a existência quanto a comunicação de seus indivíduos.

A organização do livro tomou como base a interconexão dos diversos temas abordados ao longo dos últimos anos da carreira científica de Ascher, notadamente a partir dos anos 2000. O tom levemente repetitivo do livro deve-se ao fato de se tratar de textos republicados, retirados de outros livros de sua autoria e também de periódicos, jornais e entrevistas, bem como cartas enviadas a outros pesquisadores. A repetição poderia ser minimizada pela inclusão de textos mais antigos – o acesso aos quais é hoje mais restrito em comparação com os que estão presentes no livro –, o que permitiria uma visão mais completa sobre o desenvolvimento do pensamento do autor. Entretanto, a leitura não chega a ser cansativa, pois a repetição está assentada nas ideias centrais de Ascher, o que nos auxilia a compreender facilmente do que o autor trata sem que seja necessário voltar frequentemente a leitura.

O livro apresenta dez capítulos temáticos, nos quais os diferentes textos se agrupam, e é introduzido por um prefácio de Alain Bourdin, no qual ele explica o sentido do livro e o modo como ele foi concebido e preparado.

<sup>3</sup> Ascher utiliza “espaço social”, devido à sua tradição sociológica, para referir-se aos contextos sociais diferentes, como a família ou o círculo de amigos. Para evitar ambiguidades, já que na Geografia o termo “espaço” tem um significado mais amplo e complexo, optei por não utilizar a expressão sociológica “espaço social”, como empregada por Ascher.

O primeiro capítulo – A terceira modernidade e a cidade – abre a temática da hipermodernidade, articulando-a a temas como a modernização e a relação espaço-tempo na vida quotidiana. O ponto de partida é a análise da cidade, dado o reconhecimento de Ascher sobre a organização social contemporânea baseada em princípios urbanos. Ele utiliza os avanços tecnológicos em todos os domínios (transportes, armazenagem, comunicação etc.) para mostrar o desenvolvimento das cidades desde o fim da Idade Média, passando pela revolução industrial, até as cidades da terceira modernidade, entre as quais a metápole apresenta-se como o estágio mais avançado de sua configuração espacial. Nessa evolução, o foco é colocado na transformação da vida quotidiana e na acentuação da mobilidade espacial e das temporalidades modernas, num mundo cada vez mais marcado pelas incertezas, pela dificuldade em prever as mudanças e pela passagem do capitalismo industrial ao capitalismo cognitivo (p. 54), ou seja, um modo de produção marcado por uma economia do conhecimento e da informação.

O capítulo 2 – Serendipidade<sup>4</sup> e metáfora: do método –, um dos mais interessantes do livro, é o que apresenta um traço mais marcadamente metodológico, ainda que expresso de maneira pouco rígida, logo, de leitura não desgastante. Serendipidade: saber encontrar o que não estamos procurando, tirando-lhe uma utilidade; saber “gerar e explorar o imprevisto” (p. 242). Eis o método que Ascher reconhece como seu. Num mundo de incertezas, a astúcia está em saber enxergar, onde habitualmente não se vê nada, saber aproveitar-se das oportunidades reflexivas que aparecem, a fim de fazer avançar o conhecimento científico. Não se trata, de fato, de um tipo de oportunismo científico, mas refere-se a uma maneira de ver as coisas de modo menos heterodoxo, já que o próprio mundo, que o autor analisa, apresenta-se cada vez mais complexo e contraditório. O uso das metáforas também é abordado a fim de esclarecer até que ponto esse recurso é importante e necessário, e em que situações é um complicador. Ele retoma então a metáfora da sociedade hipertexto, valorizando a fecundidade das alusões ao universo digital para a compreensão da hipermodernidade.

No capítulo 3 – Um novo espaço-tempo –, Ascher traz a discussão da relação espaciotemporal contemporânea para o âmbito do indivíduo, levantando a hipótese de que os lugares religam-se numa dinâmica de individualização, já

<sup>4</sup> Em francês no original: *sérendipité*. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa registra o termo portuguêsado “serendipidade”, mas também o termo em inglês *serendipity*.

que são os indivíduos que escolhem os tipos de relações que vão estabelecer, com quem, quando e onde, a partir das suas possibilidades de comunicação e deslocamento, obedecendo cada vez menos às regras sociais de outrora. Dito de outro modo, os círculos de convívio são cada vez menos representados pelos familiares que moram perto e pelos vizinhos e, cada vez mais, por outras pessoas que partilham os mesmos gostos e interesses, ainda que não residam próximo. Assim, os indivíduos dessincronizam-se e resincronizam-se com os diferentes grupos por meio de hiperlugares, graças aos meios tecnológicos de informação e comunicação, como o rádio e a televisão, dotados da possibilidade de gravar e reproduzir posteriormente o gravado, a Internet, o fax, o telefone, entre tantos outros. Esses meios permitem uma administração do quotidiano em que a velocidade e a simultaneidade delimitam as relações, transformando as cidades em “hubs” que abrigam os indivíduos-nós de múltiplas redes de relações sociais.

As *Mobilidades*, abordadas no capítulo 4, constituem um dos temas mais caros a Ascher. O capítulo é introduzido por uma precisão dos termos “mobilidade”, “movimento”, “moderno” e “transporte” (p. 143-144), a partir dos quais a discussão é desenvolvida. Numa sociedade hipermoderna, balizada por um capitalismo cognitivo, emerge uma hipermobilidade, num sentido de que todos os indivíduos “multipertencentes” têm a necessidade, e o direito, de deslocar-se para onde quer que seja e pelos mais variados motivos a fim de ligar-se aos diferentes contextos sociais. Trata-se de uma mobilidade crescente que concerne igualmente bens, mercadorias, informações e conhecimento. No que respeita às cidades, Ascher trata da construção de um quotidiano urbano-regional, num contexto espacial marcado pelas baixas densidades e pelo fato de que, muitas vezes, trabalhamos numa cidade, vivemos em outra, frequentamos amigos e parentes numa terceira e assim por diante, notadamente nas regiões mais urbanizadas que circundam as metápoles. A mobilidade, tornada então mais individual – “onde quero”, “quando quero”, “como quero” (p. 168-169) –, coloca questões e desafios no que se refere à integração espacial e à durabilidade<sup>5</sup> das práticas. O transporte à demanda<sup>6</sup> aparece, assim, segundo Ascher,

<sup>5</sup> Em respeito a Ascher e à cultura francesa, mantive o termo durabilidade, embora este seja pouco frequente no meio acadêmico brasileiro, em que se fala mais de sustentabilidade.

<sup>6</sup> No original, *transport à la demande*: um sistema de transporte pouco conhecido no Brasil, que combina individualidade e coletividade nos deslocamentos. Geralmente feito por automóveis utilitários ou micro-ônibus, organiza-se segundo o princípio de que o transporte existe quando há passageiros para utilizá-lo; aproximativamente, um táxi coletivo.

como possibilidade de resposta aos indivíduos e ao poder público, para atender tanto ao direito à mobilidade quanto à sua sustentabilidade em situações de dispersão urbana<sup>7</sup>, baixas densidades e dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de estabelecimento de uma rede periférica de transportes coletivos adequada e eficaz. Dessa forma, o tema do automóvel individual não é deixado de lado, já que desempenha um papel fundamental na estruturação espacial das cidades desde o pós-guerra. A questão é colocada em termos de automobilidade e cidadania, trazendo à discussão a relação entre esta e a estruturação das cidades.

Um dos pontos que mais chama a atenção no livro é o dos paralelos estabelecidos entre a organização social e a configuração espacial urbana que, no capítulo 5 – O comedor eclético –, Ascher coloca em termos de práticas alimentares. Para ele, as dinâmicas sociais podem ser reveladas por meio do modo como as pessoas se alimentam (o que, como, onde e quando comem). O indivíduo hipermoderno não só tem mais liberdade e autonomia para se alimentar (está menos preso às regras tradicionais), como também, em função disso, torna-se mais sociável e adéqua-se mais facilmente aos diferentes contextos sociais que frequenta, virtual ou presencialmente, o que interfere diretamente na estruturação urbana da cidade que habita.

A discussão mais objetiva sobre as cidades é introduzida nos capítulos 6 – A cidade como civilização – e 7 – Questões urbanas, questões políticas –, em que vários temas urbanos são tratados, como a possível constituição de uma civilização urbana, os avanços técnico-tecnológicos que permitiram o desenvolvimento das cidades para sua forma atual tendencialmente mais dispersa, com uma população cada vez mais móvel, organizada em sistemas urbanos polarizados por metápoles religadas mundialmente. Assim, a metropolização, que é impulsionada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC), é posta no centro das dinâmicas urbanas contemporâneas. O duplo processo de homogeneização-diferenciação, que se torna claro nas cidades da hipermodernidade, traz múltiplos desafios no que concerne à integração espacial metropolitana dos habitantes e ao enfrentamento de novas problemáticas, como a acentuação da segregação socioespacial, com a formação de comuni-

<sup>7</sup> Na língua francesa, existe uma diferença entre *étalement* e *extension*, de modo que *étalement urbain*, no original, foi traduzido aqui como “dispersão urbana”, mais próximo em significado do que “extensão urbana”.

dades fechadas<sup>8</sup> e o aparecimento de guetos, a gentrificação, a fragmentação urbana e a dispersão das cidades, em paralelo com a relação entre globalização e metropolização, entre outras. Essas questões fazem emergir o que Ascher chama de “terceira solidariedade” e “solidariedade reflexiva” (p. 235), a primeira, como uma forma de solidariedade ao lado das solidariedades orgânica e mecânica de Durkheim, e a segunda, como uma revisão das práticas de solidariedade dentro de um processo acentuado de racionalização da sociedade. No fim do capítulo, a cidade como lugar de liberdade e criatividade e como condição de existência da serendipidade é retomada, para contrariar as teorias do fim da cidade adotadas por alguns autores, sem, contudo, atribuir um sentido nostálgico de perda da cidade de outrora, como o fazem outros. Trata-se, sim, de uma busca de entender o que a “modernidade abre como novas perspectivas” (p. 245). Nesse contexto, aparecem questões como as relações cidade-campo e global-local, e a competição entre cidades a partir de exemplos como Nova Iorque, Paris, Barcelona e Bilbao.

Nos capítulos 8 – Grande Paris e Île-de-France – e 9 – O político e a política –, a realidade francesa é tratada mais detalhadamente, no que concerne tanto a questões de planejamento e gestão urbanos, quanto de desenvolvimento econômico e equidade social numa região fortemente marcada pela importância e centralização de Paris no cenário nacional e, também, numa comparação com outras capitais europeias, sobretudo Londres. As questões políticas são postas à luz da organização territorial administrativa francesa e dos desafios colocados aos partidos, às coletividades territoriais e aos cidadãos frente às transformações contemporâneas. Como resolver questões territoriais urbano-regionais de uma sociedade que se torna hipermoderna, quando a estrutura administrativa ainda está presa a um formato rural tradicional? Ascher apresenta algumas respostas a essa questão.

O décimo e último capítulo – Os “cleantechs”<sup>2</sup> e o futuro das sociedades hipermodernas – contém a discussão do desenvolvimento (econômico, natural, social e territorial) sustentável (ou durável). Ao lado dos temas previamente discutidos, como a metropolização, o advento da hipermodernidade e da sociedade hipertexto, a crescente mobilidade, a dispersão das cidades e o uso genera-

<sup>8</sup> *Gated communities*, no original.

<sup>9</sup> Em inglês no original. *Cleantechs*, de modo aproximado, significa: tecnologicamente avançados e ambientalmente corretos.

lizado do automóvel e das novas tecnologias, a questão da sustentabilidade (ou durabilidade) da sociedade é colocada face aos temas atualmente recorrentes, como as – supostas, devo dizer – mudanças climáticas e o superaquecimento da Terra. A novidade na discussão é o ponto de vista de Ascher em relação à “construção social do mercado do meio ambiente” (p. 370). Para ele, trata-se de uma fase econômica em que as questões ambientais tornaram-se um meio de desenvolvimento pela valorização de aspectos ecológicos ligados, sobretudo, aos recursos findáveis (como o petróleo) e à busca por recursos renováveis. Trata-se de um discurso presente não só nas grandes discussões geopolíticas envolvendo Estados Unidos e China, como até nas políticas locais de *aménagement*<sup>10</sup> urbano.

Malgrado o conhecimento de Ascher sobre outras realidades do mundo, pode-se admitir que seus escritos estejam um pouco marcados por uma visão eurocêntrica, em geral, e francesa, em particular, o que não implica, em absoluto, invalidar a riqueza do seu pensamento e a clareza com que enxerga os aspectos da realidade que ele apresenta. É evidente que nem todos os países se encontram no mesmo estágio de desenvolvimento metropolitano e, menos ainda, metapolitano, mas a tendência está presente. A globalização, reforçada pelas NTIC, permite homogeneizar boa parte dos comportamentos urbanos em vários países do mundo, sem que isso signifique aniquilar as diferenças, coisa que podemos admitir que Ascher jamais afirmaria, se seguirmos a linha de pensamento presente em suas obras.

Certamente, A era das metápoles não acrescenta grandes novidades ao pensamento recente de Ascher, já longamente desenvolvido em outras de suas obras (entre as quais: ASCHER, 1998[1995], 2001, 2005), mas aproxima ou desenvolve muitas questões que haviam sido tratadas de forma mais isolada ou superficial anteriormente – e que, com certeza, não puderam ser esgotadas neste texto –, além de permitir uma visão de conjunto.

<sup>10</sup> *Aménagement* é um termo que comumente se traduz como ordenamento, embora esta não seja uma tradução muito precisa.

## REFERÊNCIAS

ASCHER, François. *Métapolis ou l'avenir des villes*. Paris: Odile Jacob, 1995.

\_\_\_\_\_. *Metápolis: acerca do futuro da cidade*. Oeiras: Celta Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. *Les nouveaux principes de l'urbanisme*. Paris: Éditions de l'aube, 2001.

\_\_\_\_\_. *La société hyper-moderne*. Paris: Éditions de l'aube, 2005.

\_\_\_\_\_. *L'âge des métapoles*. Paris: Éditions de l'aube, 2009.

ASCHER, François; GIRARD, Jean. *Demain la ville ? Urbanisme et politique*. Paris: Editions sociales, 1975.

\_\_\_\_\_. *O urbanismo e a política*. Lisboa: Estampa, 1976.

Recebido em: 09/05/2010

Aceito em: 04/06/2010